



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM
Nº 01 – Ano I – 05/2012
www.ufvjm.edu.br/vozes

O momento da “pedagógica” na filosofia de Enrique Dussel

Prof. Msc. José Carlos Freire
Departamento Interdisciplinar de Ciências Básicas da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Campus de Teófilo Otoni/MG.
E-mail: freire.jose@ufvjm.edu.br

Resumo: O artigo apresenta um breve estudo sobre a *pedagógica*, conceito integrante da “filosofia da libertação” de Enrique Dussel. Apontam-se, também, algumas conseqüências para a relação entre mestre e aluno. Para isso, o texto levanta elementos fundamentais da filosofia dusseliana, partindo de sua abordagem sobre os dois modos de compreender a cultura ocidental: o primeiro que tem como base o *ethos* grego e o segundo que se inspira no *ethos* semita. Este segundo modo representa o horizonte da filosofia da libertação que, por sua vez, concretiza-se em três níveis: a *erótica*, a *pedagógica* e a *política*. O estudo da *pedagógica* possibilita a crítica ao modelo opressor pelo qual se referencia a relação dominadora entre mestre/professor e discípulo/aluno, da mesma forma como pode apontar para caminhos de construção de uma relação libertadora.

Palavras-chave: Filosofia. Libertação. Pedagógica.

Introdução

Este artigo trata da filosofia de Enrique Dussel, com um recorte no aspecto pedagógico levantado pelo filósofo. O autor se insere na chamada filosofia da libertação, que busca, ao mesmo tempo, desenvolver uma discussão crítica e

fomentar uma prática libertadora nos povos da América Latina (ZIMMERMANN, 1987).

Há, em Dussel, dois modos de compreender a cultura ocidental: o primeiro, baseado no *ethos* grego, parte da "ontologia da totalidade", na qual o *outro*, o *distinto* é subsumido, quer seja por mim, enquanto sujeito de dominação, quer seja por um sistema político, como foi no caso da América Latina pela Europa e, contemporaneamente, pelos Estados Unidos; o segundo modo se inspira no *ethos* semita, segundo o qual o *outro* é sempre um evento, uma revelação diferente da minha, uma totalidade própria que não pode ser subsumida por nenhuma outra, nem por nenhum sistema.

A cultura compreendida pelo *ethos* semita leva Dussel a afirmar a *libertação* como categoria filosófica, isto é, como modelo de pensamento e ação indicado para o continente latino-americano.

Nesse sentido, há três níveis, dentro da filosofia dusseliana, a partir dos quais a libertação se concretiza: a *erótica* (relação homem-mulher, a vida doméstica); a *pedagógica* (relação pai-filho, mestre-discípulo); e a *política* (a vida em sociedade).

Nosso objetivo, pois, é realizar um estudo do nível da *pedagógica* que aponte elementos para a relação entre professor e aluno, de modo a possibilitar que esta se pautem pela alteridade e não pela submissão de um pelo outro.

Na primeira seção, faremos uma apresentação do autor e, brevemente, dos pontos fundamentais de sua obra. Na segunda seção, aprofundaremos a discussão específica sobre o nível da *pedagógica*, para que possamos sugerir uma aplicação do estudo ao tema da relação entre professor e aluno.

Vale dizer que não é nosso propósito esgotar um assunto tão complexo, sobretudo, se o fazemos à luz de um filósofo de obra tão extensa. Há diversos pontos levantados pela filosofia de Enrique Dussel – os quais não podemos aqui tratar, pelas limitações próprias de um artigo – que têm grande relevância à arte de ensinar e aprender, à organização da vida escolar, à discussão sobre métodos pedagógicos e, no limite, ao sistema de ensino como um todo.

1. Enrique Dussel: a filosofia como libertação

Enrique Dussel é um dos principais expoentes da chamada filosofia da libertação. Este modo de filosofar se apóia na *práxis* libertadora do povo latino-americano (CASALI, 1979, p. 75). Tal perspectiva de ruptura da dependência da América Latina em relação à Europa e, modernamente, aos Estados Unidos, desenvolvida no decorrer das décadas de 60 e 70, influenciou diversas áreas do conhecimento, como a história, a psicologia, a sociologia e a teologia (DUSSEL, 1973, p.13).

Ainda que tenha passado por várias releituras durante sua produção na área da filosofia, da história e da teologia, Enrique Dussel mantém um referencial fundamental: o de identificar o caráter de dominação a que são submetidos os povos dos países subdesenvolvidos e avançar no sentido da proposição de uma perspectiva de libertação (HICKERT, 2005, p.18). Nesse aspecto, Dussel reconhece a influência de suas reflexões pelo pensamento do filósofo judeu francês-lituano Emmanuel Lévinas (1986, p. 196).

Dussel elabora o que pode ser chamado, assim como em outras correntes filosóficas, de uma filosofia da *práxis*, ou seja, para ele, o filósofo da libertação é chamado a ser "[...] o porta-voz dos gritos por libertação de todos os povos oprimidos" (BOUFLEAUR, 1991, p.56). A filosofia da libertação em Dussel se desenvolve "[...] com bases no 'outro', na periferia", de tal forma a propor uma "ética mundial de alteridade" (SCHNORR, 2006, p.46).

Se a filosofia da libertação se contrapõe à filosofia da dominação, cabe-lhe, então, realizar duas tarefas: em primeiro lugar, "[...] a de destruição crítica da filosofia clássica (greco-européia) através do desvendamento de sua tendência à dominação"; e, em segundo, a "[...] construção de um pensar filosófico capaz de se articular com o processo de libertação dos oprimidos" (BOUFLEUER, 1991, p.56).

Para Dussel, a filosofia ocidental é herdeira de um modelo ontológico grego, segundo o qual, o *ser* se torna monopólio de quem domina a sociedade, enquanto que os povos dominados são identificados com o *não-ser*. A totalidade do dominador visa abarcar toda a realidade, não abrindo possibilidade do *ser* exterior a si. Neste aspecto, o autor propõe uma reflexão filosófica desde a *exterioridade*, identificada

com os povos oprimidos, em especial, na América Latina. O ponto de partida é a periferia filosófica e política do ocidente.

Segundo Dussel, contra a ontologia clássica greco-européia "[...] se levanta uma filosofia da libertação da periferia, dos oprimidos, a sombra que a luz do ser não pôde iluminar" (DUSSEL, 1996, p.26).

Os dois conceitos basilares desta reflexão de Dussel são: a chamada "ontologia da totalidade", de origem grega, na qual o Ser é o Todo; e a "metafísica (meta = *além*; fysis = *ser*) da alteridade (*abertura ao outro*)" (BOUFLEUER, 1991, p.58). Cabe, pois, à filosofia da libertação dusseliana, propor a primazia da *alteridade*.

O discurso da libertação, enquanto reconhecimento da exterioridade, concretiza-se em três níveis: a *erótica* (relação homem-mulher), a *pedagógica* (a relação pai-filho, mestre-discípulo), e a *política* (a relação irmão-irmã, a sociedade) (BOUFLEUER, 1991, p.74). Podemos dizer que a escolha destes três níveis paradigmáticos, feita por Dussel, tem sua inspiração na tradição semita, que privilegia a relação homem-homem, ao contrário do *ethos* grego que acentua a relação objetiva homem-natureza (BOUFLEUER, 1991, p. 74).

Em todos os níveis é preciso superar a dominação, instaurando a alteridade como valor inalienável, proporcionando o "face-a-face" entre os homens. A *erótica*, a *pedagógica* e a *política* aparecem, assim como categorias do face-a-face (BOUFLEUER, 1991, p.74).

O estudo dos níveis de concretização da libertação, apresenta "[...] os limites das relações assentadas sobre as concepções da ontologia da totalidade e propõe relacionamentos embasados na metafísica da alteridade" (DUSSEL, 1995, p. 177).

Embora a filosofia de Dussel trate de diversos aspectos e conceitos, nesses três níveis está a referência que julgamos mais importante para a crítica das práticas educacionais. Uma vez que o nível da *pedagógica* se constitui como intermediário entre o espaço da casa (a *erótica*) e a vida em sociedade (a *política*) e para que pensemos a relação entre professor e aluno, passamos, agora, a aprofundá-lo.

2. A *pedagógica* e a relação entre professor e aluno

Dussel define a *pedagógica* como a "[...] parte da filosofia que pensa a relação face-a-face do pai-filho, mestre-discípulo, médico/psicólogo-enfermo, filósofo-não filósofo, político-cidadão, etc." (DUSSEL, 1977, p.123).

A *pedagógica* terá duas dimensões que se articulam, às quais Dussel chama de "sistemas pedagógicos". O primeiro sistema, o pedagógico erótico ou doméstico, "[...] educa dentro do *ethos* tradicional do povo, dentro da classe social da família" (DUSSEL, 1996, p.110). O segundo sistema, o pedagógico político ou social, educa "[...] igualmente dentro do *ethos* social, porém, para isso existem as instituições" (DUSSEL, 1996, p.111).

Dessa forma, Dussel situa o nível da *pedagógica* dentro de um contexto amplo. Segundo o autor, "[...] na América Latina se apresentam *projetos* pedagógicos nas leis educativas e nos planos escolares. Estes projetos político-pedagógicos indicam as opções globais que os Estados se comprometem a cumprir" (DUSSEL, 1977, p.177).

Tamanha é a importância do nível da *pedagógica* que podemos falar mesmo de uma "*pedagógica* de libertação", porque o filósofo que se pretende libertador deve ser aquele mestre que

[...] fica "na rua", na intempérie, na "exterioridade" a fim de mediar a passagem da situação de opressão para a libertação; e, mesmo ante à nova ordem possível, terá que voltar-se para lançar a crítica libertadora ao sistema (DUSSEL, 1977, p.131).

Se o filósofo entende a palavra que lhe foi dita pelo povo, então ele "[...] a pode pensar, e pensada a proclama, e ao lançá-la se converte em filósofo; em mestre do povo. Somente então é mestre libertador" (DUSSEL, 1995, p.195). Neste aspecto, vale a afirmação de Dussel, segundo a qual "[...] a filosofia não é erótica nem política, mas é pedagógica" (DUSSEL, 1995, p.195).

Há, pois, uma centralidade da *pedagógica* nos três níveis de concretização da libertação, não apenas pelo fato de se situar *após* a erótica e *antes* da política, mas, sobretudo, por ser a condição de possibilidade de libertação (ou de dominação) tanto na primeira quanto na segunda. Na perspectiva dusseliana, a *pedagógica*

[...] não somente se ocupa da educação da criança, do filho, do discípulo na família erótica; mas igualmente da juventude e o povo nas instituições escolares, universitárias, científicas, tecnológicas, os meios de comunicação. É a questão ideológica e cultural (DUSSEL, 1996, p.109).

Cabe, agora, voltarmos-nos à relação entre professor e aluno. Se a *pedagógica* se constitui como nível indispensável para a possibilidade de uma nova ordem, o espaço da sala de aula se apresenta como muito mais importante do que um mero exercício profissional do docente: ali se trava uma relação que, em âmbito micro-político, tem ressonâncias macro-políticas. Dito de outro modo, a sala de aula é o espaço onde se ensaia – e, em certa medida, realiza-se de fato – uma nova ordem, não baseada na submissão do aluno ao professor, mas sim na relação de alteridade.

A *pedagógica* de Dussel aponta para a superação de uma prática de educação dominadora, com vistas à constituição de uma prática libertadora (HICKERT, 2005, p.66). Isto porque, na educação baseada na submissão, o aluno se anula e é anulado no processo de estudo. Ele não é livre e, portanto, não poderá desenvolver em si nenhuma perspectiva libertadora.

Uma prática docente que tenha a libertação como horizonte deverá ter como características a "dialogicidade, a criticidade, a criatividade e a participação democrática" (HICKERT, 2005, p.68). Para Dussel, a passagem do modelo dominador, em sentido amplo, que gera alienação do oprimido, para a um modelo que produza a liberdade, a consciência crítica, só se dá "pela libertação pedagógica" (DUSSEL, 1973, p.144).

Ao tratar da aplicação da *pedagógica* diretamente à relação entre mestre e discípulo ou professor e aluno, Dussel faz referência aos dois modelos que se contrapõem – a ontologia da totalidade e a metafísica da alteridade:

Tudo está em que método pedagógico se deve utilizar. Há métodos que lutam contra a Totalidade pretendendo instaurar uma nova dominação; há outros que negam a Totalidade fechada e tentam abri-la à Alteridade (DUSSEL, 1973, p.144).

Podemos concluir que o nível da *pedagógica* na filosofia de Dussel "propõe uma leitura crítica da atitude do professor e dos modelos educacionais existentes", de forma a questionar "os conteúdos e todo o sistema sócio-político e econômico"

(HICKERT, 2005, p.70). Está aí a base de uma educação crítica: aquela que, ao contrário do modelo dominador, considera o aluno como sujeito (KESTRING, 2003, p.55).

3. Um ponto de contato: Enrique Dussel e Paulo Freire

Ao final deste breve estudo sobre a *pedagógica* de Dussel acreditamos ser interessante apontar um desdobramento possível da reflexão dusseliana. Referimo-nos, neste caso, à relação entre a abordagem filosófica de Dussel e a extensa produção teórica de Paulo Freire. O primeiro, por adotar a *libertação* como base de seus escritos filosófico-pedagógicos; o segundo, por desenvolver acentuar a *problematização* como método de uma pedagogia do oprimido e da autonomia. Gostaríamos, assim, antes de encerrar o artigo, de estabelecer este ponto de contato.

O discurso da libertação, concretizável, segundo Dussel, mediante os níveis da *erótica*, da *pedagógica* e da *política* supõe, evidentemente, a superação da dominação, instaurando a alteridade como valor inalienável. Tal dimensão de alteridade, de diálogo, de respeito ao outro se apresenta como elemento elucidativo para a prática do professor, numa perspectiva da educação para a libertação.

Guardadas as diferenças, o pensamento de Paulo Freire vai na mesma direção do de Dussel, sobretudo no aspecto dialógico. Freire se insurge contra um modelo social desumano e educacional narrativo/dissertativo que encerra a relação mestre-educando na referência opressiva do sujeito ativo e do objeto passivo (FREIRE, 1983).

Como em Dussel, a intervenção neste modelo opressivo da relação pedagógica, à qual Freire denomina *educação bancária*, passa "por uma dupla e interligada ação de destruição e de reconstrução: destruição dos atuais moldes e, desde suas ruínas, a construção de moldes efetivamente humanizantes" (COSTA, 1992, p.39).

A educação bancária, instrumento alienante e ideologizante, pretende "transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto

para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine" (FREIRE, 1983, p.69).

À educação bancária Paulo Freire contrapõe a *educação dialógico-problematizadora*. Para o pedagogo, "o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica" (FREIRE, 1996, p.154). As relações, neste modelo proposto por Freire, dão-se em pé de igualdade; daí a expressão freiriana clássica segundo a qual "ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1983, p.79).

Mas tal relação intersubjetiva se pauta numa opção muito clara: a superação da dominação dos opressores sobre os oprimidos, que passa, inclusive, pela rejeição por parte do educando da "hospedagem" do opressor dentro de si, o que lhe possibilitará a auto-afirmação enquanto indivíduo (GADOTTI, 1989, p.66). A educação dialógico-problematizadora tem como horizonte último a libertação dos oprimidos; por isso, o pedagogo mesmo se define: "O meu ponto de vista é o dos 'condenados da Terra', o dos excluídos" (FREIRE, 1996, p.16).

Tal qual a pedagógica de Dussel, a pedagogia de Paulo Freire nos parece bastante elucidativa para a reflexão sobre o exercício pedagógico, desde a proposta da educação para a libertação. A aproximação entre Freire e Dussel possibilita ricas reflexões tanto filosóficas quanto pedagógicas, além de fortalecer a argumentação de ambos.

Conclusão

Pudemos perceber, pelo breve estudo, que a filosofia de Enrique Dussel se mostra fiel à vocação da filosofia latino-americana da libertação, a saber: a relevância prática. A partir de categorias complexas, a finalidade do pensamento do filósofo é simples: a passagem de um modelo de sociedade calcado sobre o princípio da dominação, fruto da "ontologia da totalidade", para outro modelo, baseado na libertação, na "metafísica da alteridade".

Os níveis de concretização da libertação – a *erótica*, a *pedagógica* e a *política* – ganham, assim, um caráter existencial: é na vida cotidiana que se manifesta o projeto de dominação ou o projeto de libertação.

Em se tratando da relação entre professor e aluno, a *pedagógica* indica a necessidade de se superar a polarização, como se houvesse, na sala de aula, uma disputa; propõe-se a construção do diálogo entre sujeitos autônomos, igualmente livres. Além do mais, cabe aos dois a tarefa da libertação em sentido amplo, visto que a sala de aula é ensaio para a vida social, política.

Assim, entendemos que o estudo da *pedagógica* possibilita a crítica ao modelo opressor pelo qual se referencia a relação dominadora entre professor e aluno, da mesma forma como aponta caminhos de construção de uma relação libertadora. Torna-se possível, ainda, evidenciar a relevância política da relação professor/aluno: eles realizam na sala de aula um ensaio para a vida social, ou seja, ali se prepara uma sociedade que pode se guiar pelo princípio da totalidade dominadora ou sob a perspectiva da alteridade libertadora.

Aproximando Dussel de Freire, o estudo da *pedagógica* se associa ao estudo da educação *problematizadora*, tornando-se possível tomar a educação no seu papel político fundamental: a formação de um povo, de uma nação, de um Estado. A relação mestre-aluno, neste caso, torna-se mais que um aspecto intra-escolar ou estritamente pedagógico: trata-se de um momento político.

Cabe, portando, levantarmos, nesta conclusão, um aspecto decorrente de nosso estudo: a implicação da abordagem dusseliana para além da relação entre professor e aluno. Dito de outro modo, o espaço da sala de aula está situado num contexto amplo – e, quiçá, mundial – de dominação. Isto nos faz pensar que, na perspectiva dusseliana, a educação

[...] tem por missão também o desenvolvimento da consciência de responsabilidade ética entre os professores, alunos, direção e sistema educativo, contribuindo com sua formação de cidadãos responsáveis na sociedade (KESTRING, 2003, p.65).

Com isto, podemos dizer que a *pedagógica* levanta a possibilidade da crítica não só ao aspecto restrito da relação entre professor e aluno e mesmo ao chamado sistema educacional, mas também a todo o modo de organização da sociedade. De acordo com o estudo da *pedagógica*, faz-se

[...] necessário uma nova escola, uma nova medicina, novos serviços para um homem oprimido. Para ele é necessário primeiro desmistificar a *pedagógica* imperante, mostrar seus desproporcionais custos e indicar um caminho libertador (DUSSEL, 1977, p.161).

Eis um ponto que merece aprofundamento: para se pensar numa realidade de libertação entre pais e filhos, professor e aluno e na vida social, torna-se igualmente necessário realizar a crítica ao modelo estrutural de sociedade latino-americana, fundado sobre a dominação, a alienação e a exploração, com vistas a modificá-lo. É um desafio imenso que exige de nós não apenas empenho teórico, mas, sobretudo, a adoção daquilo que Freire denominou o ponto de vista dos condenados da terra.

Abstract: This paper presents an analytical discussion of 'the *pedagogical*', a key component of Enrique Dussel's "philosophy of liberation". It explores some of Dussel's work implications for understanding the relationship between teacher and student. In that regard, the paper identifies and discusses two critical elements in the dusselian philosophy, from which to understand Western culture: the first one is based on the Greek ethos and the second is inspired by the Semitic ethos. This second mode represents the base of the philosophy of liberation that, in turn, manifests itself at three levels: the erotic, the political and *pedagogical*. The study of the later category (*the pedagogical*) opens the possibilities for a critique of the oppressive model by which the relation of domination between master/teacher and pupil/student is established, sustained and reproduced. Ultimately, such category provides avenues for building a pedagogic liberating practice.

Keywords: Philosophy. Liberation. Pedagogical.

Referências

BOUFLEUER, José P. **Pedagogia Latino-Americana: Freire e Dussel**. Ijuí: Editora Unijuí, 1991.

CASALI, Alípio M. D. **A "pedagógica" de Enrique Dussel: elementos para um estudo crítico**. 1979. 175 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1979.

COSTA, Márcio L. **Educação e Libertação na América Latina**. Ensaio introdutório à aproximação entre a Pedagogia de P. Freire e a Pedagógica de E. Dussel. Campo Grande: Cefil, 1992.

DUSSEL, E. **Para una ética de la liberación latinoamericana I**. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 1973.

_____. **Filosofía Ética Latinoamericana**: de la erótica a la pedagógica de la liberación. Vol. 6/III. México: Ed. Edicol, 1977.

_____. **Método para uma Filosofia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Introducción a la filosofía de la liberación**. 5. ed. Bogotá: Ed. Nueva América, 1995.

_____. **Filosofía de la liberación**. 4. ed. Bogotá: Ed. Nueva América, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.

HICKER, Carmen. **Enrique Dussel**: o professor à luz do conceito de mestre em uma práxis pedagógica libertadora. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

KESTRING, Bernardo. **Educação política do professor e a formação para a cidadania**. 2003. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2003.

SCHNORR, Giselle M. **Filosofia no Ensino Médio**: reflexões a partir de uma experiência filosófica libertadora. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

ZIMMERMANN, Roque. **América Latina - o não ser**. Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel. Petrópolis: Vozes, 1987.

Texto acadêmico publicado em 10 de maio de 2012, na
Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG –
Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM –
www.ufvjm.edu.br/vozes